

O DIÁRIO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE ANÁLISE

Mirelly da Conceição Araújo (1); Jhonatan Lino dos Santos (2);
Cícero Edinaldo dos Santos (3); Francione Charapa Alves (4)

(1) Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brejo Santo – Ceará – Brasil, mirelly.araujo@aluno.ufca.edu.br;
(2) Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brejo Santo – Ceará – Brasil, jhonatan.lino@aluno.ufca.edu.br; (3)
Universidade Federal do Cariri – UFCA, Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil, santos.ciceroedinaldo@gmail.com;
(4) Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brejo Santo – Ceará – Brasil, francione.alves@ufca.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a viabilidade do diário como instrumento metodológico na pesquisa em Educação, discutindo seu conceito, suas características e as condições de análise. Vinculado ao contexto da iniciação científica no curso de Licenciatura em Pedagogia, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o estudo investiga em que medida o diário pode constituir-se como instrumento metodológico apto a produzir informações relevantes, sistematizáveis e epistemologicamente fundamentadas. Para isso, fundamenta-se na abordagem qualitativa, desenvolvendo-se por meio da pesquisa bibliográfica e da Análise Textual Discursiva. Os resultados indicam que, embora apresente múltiplos conceitos e tipologias, o diário compartilha um núcleo estruturante comum, fundamentado na articulação entre experiência vivida e narrativa de si. Quando orientado por critérios metodológicos explícitos, rigor analítico e compromisso ético, o diário consolida-se como instrumento viável no repertório metodológico da pesquisa em Educação. Conclui-se que sua viabilidade reside na capacidade de ampliar a compreensão do fenômeno educacional e dos sujeitos que dele participam, contribuindo para a produção de novos conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Diário. Pesquisa em Educação. Instrumento de pesquisa.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) constitui-se como uma política de fomento voltada ao desenvolvimento do pensamento científico e à inserção de estudantes de graduação no universo da pesquisa. Coordenado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o programa visa contribuir para a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa e para diversas áreas profissionais, incentivar a institucionalização da cultura investigativa nas universidades, promover a articulação entre graduação e pós-graduação e reduzir o tempo médio de titulação em níveis avançados de formação (CNPq, 2026).

O PIBIC proporciona aos pesquisadores iniciantes a aprendizagem de métodos e técnicas de investigação, favorecendo o desenvolvimento da autonomia intelectual, da criatividade e do pensamento científico por meio da reflexão acerca dos dilemas e demandas da investigação científica. No curso de Licenciatura em Pedagogia, essa iniciativa adquire especial

relevância, pois reafirma a concepção da Pedagogia como Ciência da Educação, que transcende a perspectiva meramente técnico-didática. Conforme assinala Libâneo (2010), a Pedagogia constitui-se como ciência voltada ao estudo sistemático da prática educativa, compreendida tanto como prática social concreta quanto como dimensão estruturante da atividade humana.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, vinculado a um projeto de pesquisa desenvolvido junto aos bolsistas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Cariri (UFCA), com foco na formação de professores pesquisadores. Entre os planos de estudo, destaca-se a investigação do diário como instrumento metodológico. Parte-se da seguinte indagação: de que modo o diário pode ser compreendido como instrumento metodológico na pesquisa em Educação? Tal questionamento implica problematizar em que medida o diário, para além de sua dimensão subjetiva, pode constituir-se como instrumento metodológico apto a produzir informações relevantes, sistematizáveis e epistemologicamente fundamentadas.

De acordo com Costa e Farias (2024) e Pezzato, Bragança e Prado (2024), a utilização do diário tem crescido e se diversificado nas pesquisas científicas, incluindo aquelas desenvolvidas no campo educacional, o que evidencia a necessidade de novos estudos que problematizem seus limites e potencialidades. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo refletir sobre a viabilidade do diário como instrumento metodológico na pesquisa em Educação, discutindo seu conceito, suas características e as condições de análise.

Metodologia

O estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, que reconhece os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências como dimensões constitutivas da produção de conhecimentos. De acordo com Severino (2016), essa abordagem metodológica privilegia a compreensão dos processos, das interações e das relações que estruturam os fenômenos, concebendo o conhecimento científico como interpretativo, em contraste com a tradição quantitativa centrada em mensurações e indicadores estatísticos.

À luz da abordagem qualitativa, adotou-se a pesquisa bibliográfica como método investigativo. Para Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, como livros e artigos científicos, possibilitando ao pesquisador estabelecer contato direto com produções já sistematizadas sobre o objeto de estudo. Segundo Fachin (2017), a pesquisa bibliográfica oferece suporte teórico e possibilita a elaboração de interpretações sustentadas em referenciais consolidados.

Nessa mesma direção, Lima e Mioto (2007, p. 38) afirmam que esse tipo de pesquisa: “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Desse modo, a pesquisa bibliográfica não se reduz a um levantamento descritivo de fontes, mas envolve um processo sistemático de seleção, leitura, análise e síntese crítica do material.

Diante dessas orientações, foram selecionados livros e artigos científicos referentes a: 1) fundamentos da pesquisa em Educação e 2) diário como instrumento de pesquisa. Os critérios de seleção do material incluíram: pertinência temática em relação ao problema investigado, disponibilidade e acesso às obras para leitura integral, relevância teórica dos autores no campo educacional e consistência conceitual das produções analisadas.

Após a seleção do material, realizou-se a leitura analítica, conforme orienta Severino (2016), com a finalidade de compreender globalmente os textos e identificar convergências e divergências argumentativas. Concomitantemente, elaborou-se o fichamento como instrumento de registro sistemático das informações, incluindo a transcrição de trechos, a identificação de conceitos-chave, o registro das referências completas e a produção de comentários analíticos.

Com base nos fichamentos produzidos, iniciou-se a etapa de análise do material, adotando-se a Análise Textual Discursiva (ATD) como técnica interpretativa. A ATD busca produzir novos sentidos a partir do *corpus* investigado, articulando rigor metodológico e interpretação reflexiva. Conforme Moraes e Galiuzzi (2016), esse processo envolve três movimentos fundamentais: a unitarização, a categorização e o metatexto.

A etapa de unitarização consistiu na decomposição dos fichamentos em unidades relacionadas aos temas centrais dos materiais. Esse movimento analítico possibilitou identificar excertos vinculados a diferentes eixos, como a definição conceitual, as formas de utilização e as potencialidades investigativas do diário.

Em seguida, as unidades foram organizadas por aproximação temática, processo que resultou em três categorias emergentes: CE1) conceito de diário; CE2) características do diário e CE3) condições de análise do diário. Essas categorias não foram previamente estabelecidas, mas construídas no próprio percurso interpretativo, a partir da reflexão com o material selecionado. O tensionamento e a articulação entre essas categorias emergentes possibilitaram a construção da categoria final – CF) “O diário na pesquisa em Educação: conceito, características e condições de análise”, que ressignifica o percurso interpretativo realizado.

Na ATD, o metatexto resulta do movimento analítico de unitarização e categorização (Moraes; Galiuzzi, 2016). Nessa perspectiva, assume a função de explicitar a categoria final construída ao longo do percurso investigativo, não como mera síntese dos achados, mas como

produção de uma nova compreensão decorrente do processo interpretativo. Assim, optou-se por apresentar a categoria final evidenciando a síntese interpretativa construída a partir do constante movimento de reorganização e ressignificação das categorias elaboradas.

Resultados e Discussões

Conforme o Dicionário Aulete Digital (2026), o termo diário abrange duas dimensões principais: a temporal, relacionada ao que se realiza diariamente, e a documental, referente ao registro regular de acontecimentos, experiências ou atividades desenvolvidas no âmbito pessoal e/ou profissional. Segundo Hess (2006, p. 92), o diário "mais que todas as outras formas de escrito, explora a complexidade do ser". Ao longo do tempo, o diário foi utilizado como registro íntimo, relato de viagem, documentação de conflitos e testemunho de transformações sociais, evidenciando sua versatilidade enquanto gênero textual. Apesar das múltiplas finalidades que lhe foram atribuídas, preservou como traço constitutivo o registro da experiência vivida, materializada na narrativa de si.

A experiência vivida compreende os acontecimentos, sentimentos e situações experimentados pelo sujeito em sua relação com o mundo, tal como são subjetivamente apreendidos. Não se trata de um dado meramente factual, mas de uma realidade mediada pela interpretação. A narrativa de si, nesse contexto, refere-se a prática discursiva por meio da qual o sujeito apresenta, organiza e ressignifica essas experiências, convertendo o vivido em registro reflexivo e em material suscetível de análise.

No século XXI, a narrativa de si expandiu-se e deslocou-se para múltiplos suportes, como blogs, redes sociais e outras mídias digitais, reconfigurando profundamente suas condições de produção e circulação. De acordo com Sibilia (2008), esse movimento ultrapassa a mera mudança de suporte material, implicando uma transformação estrutural na própria lógica narrativa. Se, anteriormente, tais registros permaneciam predominantemente em suportes físicos e na esfera privada, na contemporaneidade passam a ocupar espaços públicos, virtuais e interativos, marcados por dinâmicas de visibilidade, compartilhamento e resposta imediata.

A narrativa de si deixa de ser exclusivamente um exercício introspectivo para tornar-se também prática relacional e performativa. O que antes se manifestava como registro íntimo passa a integrar plataformas que operam segundo regimes de exposição e circulação ampliada, nos quais o sujeito escreve já considerando a presença do outro (leitor, seguidor, espectador). Tal deslocamento redefine os limites entre intimidade e publicidade, tensionando as fronteiras entre o privado e o público. A experiência vivida, nesse contexto, não apenas se expressa, mas se constrói e se negocia em interação com redes de reconhecimento e validação.

Apesar das transformações tecnológicas, sociais e culturais, o diário ainda permanece na vida de milhões de pessoas. Mesmo diante da expansão da expressão e exposição pública da narrativa de si, o diário mantém sua função primordial de registro da experiência vivida. Sua permanência evidencia que a necessidade humana de atribuir sentido e significado à própria experiência vivida continua sendo aspecto constitutivo e constituidor da vida humana.

Com a proliferação das investigações de abordagem qualitativa, a partir da segunda metade do século XX, o diário passou a ser progressivamente incorporado à pesquisa em Educação como instrumento metodológico. Nesse movimento, superou seu caráter originário, contribuindo para a produção de conhecimentos científicos sobre diversas questões do cotidiano educacional. Tal deslocamento implicou sua reformulação conceitual, passando a ser designado por diferentes tipologias.

Conforme Costa e Farias (2024) e Pezzato, Bragança e Prado (2024), a diversidade de tipologias atribuídas ao diário revela variações terminológicas, bem como distintas ênfases quanto às suas finalidades e modos de utilização. Entre as tipologias mais recorrentes destacam-se: diário de campo, diário de bordo, diário de pesquisa, diário de formação, diário do professor e diário de aula. Longe de constituir um instrumento metodológico homogêneo, o diário assume múltiplas funções, conforme suas tipologias, que variam de acordo com o contexto de uso, os objetivos da pesquisa e a perspectiva teórica adotada.

Nesse mesmo direcionamento, Zabalza (2004, p. 13) afirma que, no campo educacional, não há um acordo geral sobre o que se entende por diário. Diversos conceitos circulam na produção científica para designar essa “técnica de documentação”, nem sempre referindo-se ao mesmo tipo de processo ou resultando em documentos semelhantes. Tais conceitos são frequentemente empregadas de forma indiscriminada. Por vezes, termos distintos indicam práticas semelhantes, enquanto, em sentido inverso, um mesmo termo pode designar processos de documentação diferentes. Todavia, independentemente do conceito ou da tipologia adotada, o diário ainda compartilha um núcleo comum estruturado pela articulação entre a experiência vivida e a narrativa de si.

O diário possibilita o acesso ao universo subjetivo de quem o escreve na medida em que registra acontecimentos, percepções, interpretações, sentimentos, dúvidas e posicionamentos diante das experiências vividas. Nesse movimento, faz emergir a dimensão constitutiva da subjetividade, compreendida não como aspecto meramente individual ou psicológico, mas como construção histórica, social e simbólica, produzida nas relações que o sujeito estabelece com o mundo. Trata-se de uma subjetividade constituída no e pelo entrelaçamento com a linguagem, não como expressão de uma interioridade prévia, mas como efeito das práticas

discursivas nas quais o sujeito se inscreve. Na narrativa de si, a subjetividade se manifesta e se produz.

De acordo com Ghedin e Franco (2025), a tradição positivista associou a subjetividade à parcialidade e à interferência indevida do pesquisador, concebendo a objetividade como distanciamento absoluto entre o pesquisador e o objeto de estudo. Sob essa perspectiva, qualquer implicação pessoal era entendida como ameaça à validade do conhecimento produzido. Na pesquisa em Educação, contudo, essa concepção vem sendo amplamente tensionada, reconhecendo-se que a implicação do pesquisador pode constituir-se como aspecto epistemologicamente produtivo, na medida em que amplia e aprofunda a compreensão dos fenômenos investigados e dos sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimentos científicos.

Gatti (2002) pontua que a pesquisa em Educação abrange uma vasta diversidade de temas, problemas e abordagens, apresentando especificidades que a distinguem de outras modalidades investigativas. Trata-se de uma atividade que lida diretamente com sujeitos em seus processos de vida, o que implica reconhecer que o conhecimento produzido não decorre da simples aplicação de modelos experimentais rigidamente controlados. Conforme afirma a autora, o conhecimento gerado na pesquisa em Educação raramente pode ser obtido por meio de investigações estritamente experimentais, nas quais todas as variáveis são previamente delimitadas e controladas.

Em meio às dúvidas e às incertezas que atravessam a legitimidade do conhecimento produzido a partir da pesquisa em Educação, Gatti (2002, p. 96) enfatiza a necessidade de rigor científico ao afirmar: “Há que se debruçar sobre as questões de base, há que se manter a capacidade de questionamento viva e atuante, há que se ter solidez teórica e dúvida metódica, há que se temer dogmas e verdades fáceis e antecipadas”. A autora, assim, reivindica uma postura investigativa sustentada por uma reflexão constante no e sobre o processo investigativo.

De modo convergente, Ghedin e Franco (2025, p. 105) afirmam que a produção do conhecimento em Educação constitui um processo simultaneamente objetivo e subjetivo, marcado pela implicação do pesquisador. As características do fenômeno educativo, tais como “expansão, flexibilidade, variabilidade e porosidade do seu acontecer existencial”, exigem procedimentos analíticos que redefinem a objetividade como exercício reflexivo, sem prejuízo do rigor científico.

Lüdke e André (2022) ressaltam que a pesquisa em Educação, especialmente aquela de abordagem qualitativa, não se submete à lógica da neutralidade nem ao controle absoluto das variáveis, uma vez que lida com sujeitos inseridos em contextos históricos, sociais e culturais

complexos. Nessa perspectiva, o rigor científico não se fundamenta na redução ou simplificação da realidade, mas na capacidade analítica de apreender sua complexidade. Segundo elas, a pesquisa em Educação pode ser desenvolvida por meio de distintos métodos que, por sua vez, demandam o uso de instrumentos capazes de subsidiar o registro sistemático e a posterior análise das informações produzidas.

Segundo Zabalza (2004), seguindo os pareceres da abordagem qualitativa na pesquisa em Educação, a análise do diário pode ser realizada tanto pelo próprio autor quanto por um pesquisador externo, exigindo, em ambos os casos, responsabilidade metodológica. Há necessidade de evitar leituras superficiais que desconsiderem o contexto das narrativas, bem como interpretações restritas a aspectos meramente formais ou gramaticais do texto.

A fragmentação excessiva e não criteriosa das narrativas, quando realizada à margem de sua lógica interna e de seu contexto de produção, compromete a compreensão da experiência que nelas se expressa. Abordagens excessivamente normativas ou avaliativas tendem a “introduzir uma espécie de censura antecipada” (Zabalza, 2004, p. 151), levando o autor do diário a restringir sua escrita por receio de julgamento, correção ou inadequação.

Outro aspecto fundamental refere-se à sustentação empírica das análises realizadas. Ao identificar recorrências temáticas ou padrões presentes no diário, o pesquisador deve fundamentar suas afirmações por meio de excertos que atuem como “textos confirmatórios” (Zabalza, 2004, p. 151). Não se trata de reproduzir integralmente o material, mas de apresentar evidências textuais suficientes para demonstrar que as interpretações estão ancoradas nas narrativas produzidas.

Os “textos confirmatórios” asseguram a legitimidade interpretativa ao ancorar as inferências no próprio material empírico, evitando que a análise do diário se converta em projeção de pressupostos externos ou arbitrários. Ao fundamentar as interpretações em evidências textuais, preserva-se a coerência interna da narrativa e garante-se fidelidade as narrativas do autor. Desse modo, a análise mantém-se vinculada à perspectiva expressa no diário, resguardando a integridade dos sentidos e significados nele inscritos.

Por fim, Zabalza (2004) destaca a dimensão ética que envolve a pesquisa com diário. Considera que o diário é um documento pessoal, cuja utilização deve respeitar as condições sob as quais foi produzido. O uso do material pressupõe um acordo que delimita suas finalidades. Não é eticamente aceitável empregar trechos do diário em contextos distintos daqueles que orientaram sua elaboração, nem divulgar fragmentos sem a devida autorização do autor. A preservação do anonimato constitui princípio fundamental, salvo nos casos em que o próprio

autor opte por se identificar. Em situações de autoanálise, a responsabilidade pela exposição das narrativas deve ser assumida de maneira consciente e criteriosa.

Assim, quando orientado por essas condições de análise, o diário afirma-se como instrumento viável de investigação, capaz de sustentar a produção de conhecimentos cientificamente fundamentados na pesquisa em Educação.

Considerações finais

O presente estudo propôs-se a refletir sobre a viabilidade do diário como instrumento metodológico na pesquisa em Educação, discutindo seu conceito, suas características e condições de análise. Para isso, fundamentou-se na abordagem qualitativa, assumindo a pesquisa bibliográfica e a Análise Textual Discursiva como caminhos metodológicos para a construção interpretativa do objeto investigado.

Os resultados evidenciam que o diário, historicamente associado à esfera íntima, desloca-se para o campo educacional e assume o estatuto de instrumento metodológico a partir da segunda metade do século XX, amparando-se em investigações com abordagem qualitativa. Esse movimento não implica a negação da subjetividade, mas sua valorização no interior de práticas científicas sustentadas por fundamentos epistemológicos explícitos. Ao integrar-se à pesquisa em Educação, o diário possibilita o acesso às experiências vividas por meio das narrativas de si, que deixam de configurar-se como meros registros descritivos para constituírem-se em processos reflexivos de elaboração e interpretação do vivido.

Nessa perspectiva, o diário revela-se um instrumento singular. A diversidade de conceitos e tipologias que lhe são atribuídos expressa suas múltiplas funções investigativas; contudo, tal pluralidade não descaracteriza a existência de um núcleo estruturante comum, fundamentado na articulação entre experiência vivida e narrativa de si. Essa articulação favorece um movimento reflexivo de aproximação e distanciamento do que foi registrado, possibilitando a produção de conhecimentos científicos. Sua viabilidade consolida-se no exercício analítico rigoroso, ancorado em evidências empíricas e sustentado por princípios éticos.

Em suma, o diário afirma-se como instrumento viável na pesquisa em Educação, pois possibilita o “retorno à experiência vivida” por meio das narrativas de si. Nesse movimento, amplia e aprofunda a compreensão do fenômeno educacional e dos sujeitos que dele participam, contribuindo para a produção de novos conhecimentos científicos.

Agradecimentos

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Agradecemos a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), Projeto: FDP-0213-00107.01.00/23, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Universidade Federal do Cariri (UFCA) pelo apoio disponibilizado para a realização desta pesquisa.

Referências

AULETE. Diário. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/di%C3%A1rio>. Acesso em: 9 dez. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)**. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict/pibic>. Acesso em: 28 jan. 2026.

COSTA, Sandy Lima; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. O uso de diários nas pesquisas em educação no Brasil. **Horizontes**, v. 42, n. 1, p. e023154-e023154, 2024. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1913>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FACHIN, Odília. **Fundamentos da Metodologia Científica**: noções básicas em pesquisa científica. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação**. Brasília: Plano Editora: 2002.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 3. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez Editora, 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HESS, Remi. Momento do diário e diário de momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: A invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. p. 89-103.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 fev. 2026.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

PEZZATO, Luciane Maria; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. O que pode um diário? um olhar para a literatura acadêmica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, p. e290102, 2024. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v29/1809-449X-rbedu-29-e290102.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

ZABALZA, Miguel. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

